O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

O BRASIL DE NOSSA SENHORA APARECIDA SERÁ POR DESGRAÇA TAMBÉM O BRASIL DO ABORTO?

Diante da Ofensiva Abortista – Oração e Luta

O tema aborto estava aparentemente esquecido, quando de repente reaparece com toda virulência nos noticiários.

Puxando o coro, o novo Ministro da Saúde vem propor uma consulta popular sobre o tema. Imediatamente, ONGs, feministas, defensores da morte, recomeçam a lançar sua mentiras e sofismas sobre o tema.

Curioso, os sequazes do assassinato já foram desmascarados inúmeras vezes, mas, apesar disso, retomam suas falsidades e nelas insistem.

Assim, voltam a falar que morrem milhares de mulheres em abortos clandestinos e, por isso, teria de ser liberada malsinada prática etc.

Só nesse último parágrafo há várias mentiras e sofismas.

Primeiro falam em milhares de mortes em abortos clandestinos. Quanta falácia. Anos atrás, no congresso, abortistas, por ocasião de debates sobre o tema, disseram a um padre anti-abortista que ele seria responsável por 300.000 mortes anuais, por lutar contra a aprovação do aborto. Pois bem, o padre foi atrás de dados estatísticos e constatou que no ano anterior haviam morrido 58 mulheres após praticarem o crime.

Não só isso. A culpa das mortes nos abortos não é dos anti-abortistas, mas sim dos próprios praticantes do aborto (médicos, enfermeiros, pais etc). Para não haver morte em abortos é simples, basta não ocorrerem abortos. Não é simples?

Liberar a monstruosa prática para evitar as mortes, seria o mesmo que, para evitar as mortes em assaltos, se desse aos bandidos coletes à prova de balas. Aborto sem risco é o mesmo que assalto sem risco.

E também tentam provar o que é não provável. Dizem que as crianças geradas não são uma nova vida humana. A ciência provou que a criança gerada já é uma vida humana, com certeza, desde a concepção.

E assim por diante vão as mentiras dos abortistas.

Diante disso, o que devemos, nós católicos, fazer?

Rezar e lutar.

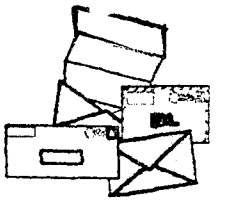
Rezar para que a prática assassina do aborto jamais seja legalizada, rezar para que não se cometam mais abortos.

E também lutar. Seja falando, seja aconselhando, seja combatendo. Vamos lutar, Nossa Senhora nos dará a vitória.

ESTA CENA ABAIXO MOSTRADA SERÁ COMUM TAMBÉM NA TERRA DE SANTA CRUZ?

Estes bebês mortos chegaram à idade fetal de 18 a 24 semanas antes de serem assassinados por aborto. Este é o resultado de uma manhã criminosa num hospital escolar do Canadá.

Escrevem os Leitores



Senhores,
Gostaria de receber regularmente "O Desbravador".
Em união de orações,
LUIZ PAULO DE ALCÂNTARA
SÃO PAULO SP

Alô, fiéis servidores de Cristo Rei!
Há cerca de uns trinta anos atrás, alguém daqui do Mosteiro de São Bento recebia uma assinatura do jornal (ou revista) "O DESBRAVADOR",que era colocado na sala de recreio da comunidade. depois nunca mais o vi. Pensava comigo mesmo: será que não existe mais?
Eis que alguns dias atrás alguém deu um exemplar a um de nossos irmãos. Então logo pensei em fazer a assinatura, pois fiquei sabendo que era gratuita; do contrário não poderia fazê-la, porque não disponho de dinheiro, como monge que sou.
Se puder atender-me ficaria muito grato.
Deus vos recompensará ao cêntuplo e ainda mais.
Muito obrigado.
DOM PIO TEIXEIRA DUARTE - OSB
SÃO PAULO SP

Olá eu sou a Maria e queria receber a revista "O Desbravador" e receber algo mais sobre o mártir como Santo Expedito e outros. Como eu li sobre alguns gostaria de saber mais. Meu Endereço é...
LETÍCIA KIMBERLY GARCIA
SÃO PAULO – SP

Prezados Senhores,
Gostaria que enviassem o seu tão edificante periódico para uma amiga que esta numa fase difícil para fortalecê-la na Fé. Especialmente o numero de janeiro/fevereiro que trata dos mártires mexicanos e sobre a oração. Pensei em enviar o numero que recebi mas acho que fará mais bem que receba diretamente do desbravador.
ANCLER SOILA
SÃO PAULO - SP

Gostaria que enviassem "O Desbravador" para meu novo endereço.
VALDEIR M. C. DOS SANTOS
CLARAVAL – MG

Envio ... para a renovação de minha assinatura, e outros .... para uma nova assinatura em nome de... Sem mais aqui me despeço desejando cada vez mais sucesso na propagação deste maravilhoso jornal católico.
ALEXANDRE SEREGATI
LIMEIRA – SP

Eu estou mandando esta carta para pedir ao senhor que me mande este jornalzinho que o senhor publica: "O Desbravador". Gostei muito das leituras principalmente para minha idade que sou jovem e serve de exemplo.
JOSÉ LUIZ M. E. A. PEIXOTO
CAMPOS DOS GOYTAZES - RJ

Imprimimos com
RIPAX
Laser 75

O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail – odesbravador@uol.com.br

Editorial

O mundo atravessa uma das fases mais críticas de sua história. Ocorrem crises na família, nos costumes, nos comportamentos. Crises nos valores, nas idéias, na Fé das pessoas. Crises nas almas, na civilização e – ó dor – em meios ditos católicos.

Para combater essa situação é urgente que surjam almas, repletas de amor a Deus, que façam tudo o que estiver ao seu alcance para cooperar na salvação das almas.

Sim, já dizia Dom Bosco que nos momentos de crise não devemos temer pela Igreja Católica, pois Ela é indefectível e indestrutível, mas devemos temer pelas almas que se perdem. Na verdade, nas épocas de crise são as almas as maiores vítimas. Pois as crises de valores, de Fé das pessoas, de costumes, etc. atingem em cheio as almas que se vêem expostas a muitos perigos e não encontram, em geral, quem lhes dê os sustentáculos e remédios verdadeiros para sua salvação.

Não foi por acaso que, em Fátima, na terceira aparição, Nossa Senhora, mostrou aos 3 videntes o inferno para onde vão os pecadores.

E, se nós quisermos cooperar na grandiosa obra de salvação das almas devemos ser bons, ser muito bons, sermos santos.

Santos que, em qualquer estado de vida, trabalhemos na salvação das almas.

Isso é possível e é maravilhoso. O passado nos mostra que almas santas, em várias situações, dedicaram-se ao bem das almas.

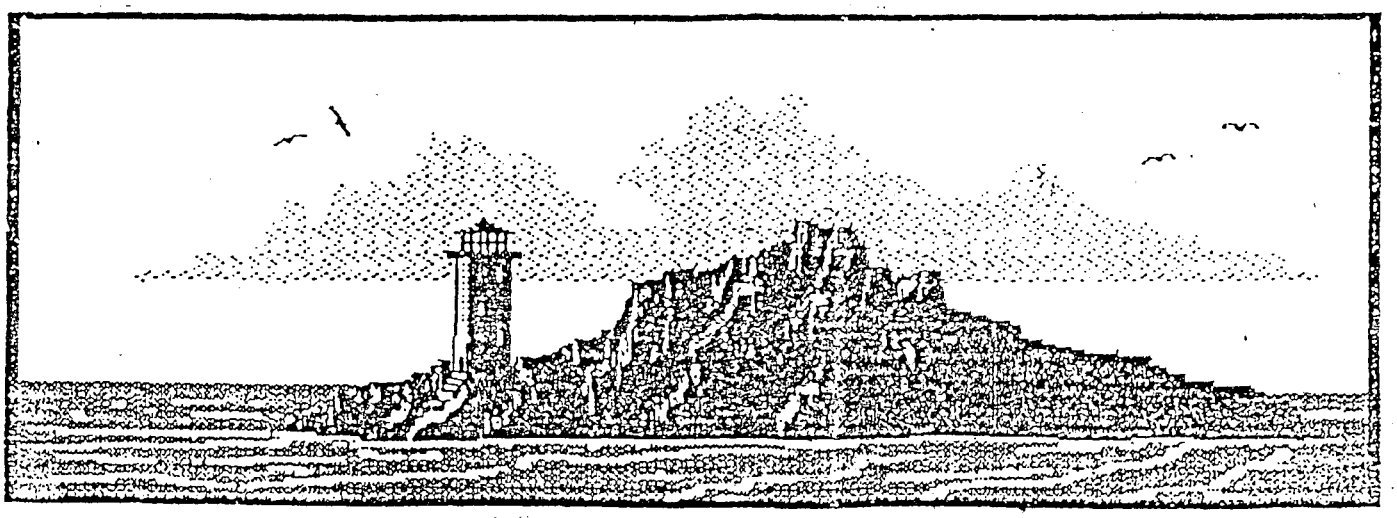
Foi assim com um São José Moscatti, médico, que fazia de seu ofício, um contínuo apostolado. Foi assim com a excepcional mãe de família, Mamãe Margarida, que formou o grande apostolo da juventude, seu filho Dom Bosco. Foi assim, com centenas de irmãs de caridade que, nos hospitais, asilos, dedicavam sua vida a salvar os pecadores.

E você leitor? Você leitora? Não quer cooperar com Nosso Senhor e Nossa Senhora, na sublime obra de salvar almas?

Eu sei que Nossa Senhora quer isso. Peça a Ela para que você corresponda a isso.

- Para receber "O Desbravador" basta mandar seu endereço, com CEP seja para o endereço do Correio (Caixa Postal 1525 – 01059-970 – São Paulo SP) ou por e-mail: (odesbravador@uol.com.br) e **gratuitamente** receberá bimestralmente a publicação em seu endereço, em qualquer ponto do Brasil.
- Esse número está saindo atrasado. Alguns fatos narrados são posteriores aos meses do exemplar.

ERRAMOS: Em nossa edição anterior na capa aonde se lê "Bento XVI" devia ter saído "Bento XIV", no 9º parágrafo da mesma capa, na 2ª linha deve se ler "preferem ser destituídos a trair a Fé". E na pág. 16 na frase de rodapé o seu autor é o Bem-Aventurado Anacleto Gonzáles Flores.



"O INFERNO ESTÁ CHEIO DE BONS DESEJOS NÃO REALIZADOS"

NOTÍCIAS DE UM MUNDO SEM DEUS

Marcha pela maconha no Rio

Após marchas de protestantes e de homossexuais, agora no Rio de Janeiro ocorre a marcha pela maconha, visando a liberação da malsinada droga.

Os organizadores de tal evento, nos cartazes de propaganda do feito, tiveram o blasfemo desplante de colocar a imagem gloriosa do Cristo Redentor.

No evento, cantou-se a plenos pulmões: "sou maconheiro, com orgulho e amor" (sic).

Eis aí aonde chegamos e, nesse ritmo, chegaremos a outras coisas péssimas e aterradoras.

Mulher homossexual obtém direito a visitar criança

Duas mulheres viviam em uma relação pecaminosa. Uma delas teve um filho gerado por inseminação artificial. As duas separaram-se e agora a outra obteve na justiça a oportunidade de visitar a criança.

É uma sucessão de horrores que até escrever sobre isso causa repulsa.

Campeonato Mundial de Futebol de homossexuais

Na Argentina, está sendo preparado o campeonato mundial de futebol entre homossexuais.

O vício e o pecado estão penetrando em todas as esferas e o futebol também é atingido.

Câmara Municipal da Cidade do México aprova o aborto

O México é um dos países de mais gloriosa tradição histórica católica, como vimos em nossa edição anterior.

Mas, os agentes do mal, têm nesse país seus sequazes. E agora, estes conseguiram aprovar uma lei, liberando a assassina prática do aborto na capital mexicana.

Isso é um capítulo na insidiosa ofensiva abortista. É mais um passo na tentativa de implantarem no mundo o império infernal.

Virada Cultural ou selvageria?

Na chamada Virada Cultural, durante a exibição musical (?) de um grupo chamado Racionais, promoveu-se violenta quebra e depredação de estabelecimentos comerciais em São Paulo, com enfrentamento aos policiais.

E ainda houve quem defendesse a selvageria e atacasse os policiais.

VIROU NOME DE RUA

Há uns tempos atrás eu caminhava por uma avenida de São Paulo e comecei a observar os nomes das ruas transversais.

A primeira tinha o nome de um famoso senador. Homem famoso, jurista conhecido, deputado, governador do estado, senador e quando se preparava para sair candidato a presidente da República, um enfarte fulminante o matou. Hoje seu nome é uma minúscula rua paulistana.

Andei umas quadras e olhei outra placa. A rua tinha o nome de um famoso cantor popular. Ele era admirado e querido profundamente pelo público. Sua morte em um acidente comoveu a opinião pública brasileira.

Os anos passaram e ele caiu no esquecimento. Quando no cinqüentenário de sua morte, não houve nenhuma notícia que lembrasse dele nos jornais. Quando eu passava pela rua com seu nome, ouvi uma menina perguntar á sua jovem mãe quem fora aquela pessoa e a mãe responder: "sei lá".

Mais uns passos e outro nome de rua me chamou a atenção. Era o nome de um famoso artista, conhecido por sua vida desregrada. Contraiu AIDS e foi encontrado morto, vitima de overdose de drogas.

E assim fui caminhando. Nomes famosos, gente desconhecida, até que me deparei com um nome inteiramente desconhecido. Isso aguçou minha vontade de saber quem fora ele.

Vi uma velha senhora e ela, antiga moradora, me falou que fora um jovem sonhador, mas que teve sua vida ceifada por um acidente quando tinha 20 anos. Morava naquela rua e, quando morreu, a comoção geral fez que fosse dado ao logradouro o seu nome.

Refleti então: "senador, cantor, famoso, jovem, todos viveram, todos morreram, todos ficaram nomes de ruas.
Mas, e suas almas, o que foi feito delas?
Salvaram-se ou foram condenadas eternamente ao fogo do inferno?
Se condenados, de que lhes valeu títulos, fama, dinheiro e juventude?"
"Viraram nome de rua", dirá alguém e nós responderemos: "e daí?"
Que alívio lhes traz hoje, no inferno, serem nome de rua? Nenhum.
Nada aliviará seu sofrimento, nada lhes dará felicidade, nada lhes trará esperança.

E você, caro leitor, quer ser nome de uma rua, ainda que isso lhe custe o inferno, ou quer viver catolicamente, morrer de igual maneira e alcançar no céu a felicidade eterna?

"É DURANTE A NOITE QUE É BELO ACREDITAR NA LUZ"
(Edmond Rostand – "Chantecler")

SANTA MARIA EGIPCIANA, A PENITENTE

Santa Maria Egipciana recebe a comunhão. Mestre do Tebaido Pisa. séc. XIV.

Podemos comparar o percurso da Igreja Católica ao longo dos séculos ao do sol na abobada celeste: apresenta uma luminosidade e um colorido especiais a cada hora do dia. Todos esses brilhos - desde a aurora ao poente - são belíssimos. Assim também a Igreja emite resplendores distintos em cada era de sua vida.

Hoje, caro leitor, convido-o a contemplar um raio de luz da Igreja primitiva: a Igreja das grandes mortificações, das grandes penitências, dos grandes pecados que redundam em grandes contrições, das inocências virginais e da austeridade requintada. É o velho som de um sino que, repercutindo através da História, chega até nós para nos lembrar aquela gravidade e seriedade inigualáveis, tão aptas a empolgar as almas que verdadeiramente amam a Deus e a Santíssima Virgem.

Maria Egipciana, cognominada ao longo dos séculos de "a Penitente". Ela nasceu no Egito, no ano de 345 e morreu na Palestina em 421. Abandonou a casa paterna aos 12 anos e foi para Alexandria onde, durante 17 anos, levou uma vida licenciosa. Um capricho conduziu-a a Jerusalém, onde o Deus três vezes Santo, não permitiu sua entrada na basílica do Santo Sepulcro. Isolando-se num quarto da hospedaria, onde providencialmente havia uma efígie de Nossa Senhora, ela chora amargamente seus pecados e volta-se para a Mãe de Misericórdia e Porta do Céu, encontrando aí sua reconciliação com Deus.

Ao abismo de pecado sucede o abismo de penitência: ela se retira para o deserto, onde durante 47 anos, leva a vida mais austera. São Zózimo descobriu o seu retiro e levou-lhe a Comunhão, no ano 420. Por ocasião da Páscoa do ano seguinte voltou a procurá-la e encontrou-a morta.

A respeito de tão grande santa, apresento a sua consideração, caro leitor, uma página de ouro desse livro de maravilhas que é "Legende Dorée", de Jacques Voragine. Será verdadeira a narração apresentada por esta obra? Mesmo na ausência de documentos que possam confirmar o belíssimo relato, uma piedosa tradução do mesmo atravessou os séculos. E tanto bem causa às almas a narrativa, que se é inclinado a considerar a veracidade do fato histórico como secundária...

Após a leitura, não corra logo às suas ocupações habituais, mas detenha-se um pouco. Faça uma breve oração. Peça a Deus por intercessão de Santa Maria Egipciana, uma contrição verdadeira de seus pecados. Uma contrição na paz, sem escrúpulos nem dilacerações, verdadeiramente santa, que aproxime sua alma d'Ele e da Santíssima Virgem.

A história de Santa Maria Egipciana, também chamada a Pecadora, foi por ela mesma contada ao abade Zózimo, que a encontrou um dia. Ao pedir ao religioso que lhe dissesse quem era e de onde vinha, aquela estranha figura de mulher, negra e curtida pelo sol, respondeu: "Pai, perdoai-me, mas se vos revelar quem sou, fugireis como à vista de uma serpente, e vossos ouvidos serão manchados por minhas palavras e o ar será empestado por minha impureza. Eu me chamo Maria e nasci no Egito. Fui para Alexandria aos 12 anos e durante 17 anos vivi como mulher pública, vendendo-me a quem o

quisesse. Mas um dia, como alguns habitantes dessa cidade fizessem uma peregrinação para adorar a Santa Cruz, em Jerusalém, pedi aos marinheiros que me deixassem embarcar também. Eles me perguntaram se eu tinha dinheiro, mas me ofereci a mim mesma. E assim se fez a viagem. Mas eis que em Jerusalém, como eu me apresentasse com os outros peregrinos na porta da igreja, senti-me repelida por uma força invisível que não me permitiu entrar na Igreja. Diversas vezes aproximei-me da porta, sofrendo a humilhação de ser rechaçada enquanto os outros entravam livremente, sem que nada os impedisse. De tal sorte que, voltando ao albergue, compreendi que aquilo era uma conseqüência de minha vida criminosa. E eu pus-me a bater no peito com as mãos, a verter lágrimas amargas, a suspirar do mais profundo do meu coração. Depois, levantando a cabeça, vi na parede uma imagem da bem-aventurada Virgem Maria. Supliquei-lhe entre lágrimas que me obtivesse o perdão dos pecados e a permissão de entrar na igreja para adorar a Santa Cruz. Em troca, prometi renunciar ao mundo e viver na castidade. Após essa oração, sentindo confiança no nome da Virgem Maria, de novo me apresentei às portas da igreja. E eis que agora pude entrar sem nenhum impedimento. Tendo adorado piedosamente a Santa Cruz, um desconhecido deu-me três moedas, com as quais eu comprei três pães. E ouvi uma voz que dizia: "Atravessa o Jordão e serás salva". Atravessei então o Jordão e vim para esse deserto, onde há 46 anos vivo, sem jamais ter visto figura humana, alimentado-me dos três pães que trouxe comigo, e que se tendo tornado duros como pedra, ainda são suficientes para minha alimentação. Durante os primeiros dezessete anos de minha permanência no deserto fui atormentada de tentações contra a carne, mas no momento, pela graça de Deus, eu as venci inteiramente. Eis minha história. Eu a contei, para que peçais a Deus por mim".

Então, o ancião, prostrando-se em terra, bendisse ao Senhor na pessoa de sua serva. E esta lhe disse: "Ouvi o que vos vou pedir: no dia de Páscoa atravessai novamente o Jordão, trazendo convosco uma Hóstia Consagrada. Eu esperarei na margem e receberei de vossas mãos o Corpo do Senhor, porque não mais comunguei, desde que aqui cheguei". O ancião voltou ao seu mosteiro e no ano seguinte, estando próxima a festa da Páscoa, voltou ao Jordão levando consigo uma Hóstia Consagrada. E eis que percebeu a mulher, de pé, na outra margem. E tendo feito o sinal da cruz sobre as águas andou sobre elas e assim chegou até o ancião. Este, maravilhado quis se prostrar humildemente a seus pés. Mas ela lhe disse: "Meu pai, guardai-vos de vos prosternar diante de mim, sobretudo agora que trazeis o Corpo de Cristo. Mas dignai-vos, eu vos suplico, voltar ainda o ano que vem". No ano seguinte, Zózimo não mais a encontrou na margem. Ele atravessou o rio e se dirigiu ao local onde a vira pela primeira vez. E lá a viu morta. Então ele chorou amargamente e não ousava tocar seus restos, temendo ofendê-la. Mas enquanto pensava no meio de enterrá-la, leu uma inscrição sobre a areia ao lado da cabeça da santa: "Zózimo, enterre o corpo de Maria, entregue suas cinzas à terra e pede por mim ao Senhor que me libertou do mundo no segundo dia de abril". Assim, o ancião abriu-lhe uma cova sendo para isso milagrosamente auxiliado por um leão que aí apareceu. E o ancião voltou ao seu mosteiro, glorificando a Deus. (Jacques de Voragine - "La Legende Dorée" - Edição Garnier Flammarion - vol.1, págs. 284-286).

"VÊ HOMEM, OS CRAVOS, COM QUE ESTOU TRANSPASSADO; E SENDO TANTA A MINHA DOR EXTERIOR, É MAIS GRAVE A PENA INTERIOR, POR TE VER INGRATO"

(Frase que São Bernardo colocava na boca de Nosso Senhor)

PACTO MONSTRUOSO COM O DEMÔNIO

Esta é uma história verdadeira, ocorrida por volta dos anos 50. Apenas o nome do Padre está alterado, por motivos que ficarão óbvios durante a leitura.

O padre Francis acabara de ser nomeado pároco em um dos bairros mais pobres da cidade de Nova York. Jovem e entusiasmado, logo no primeiro domingo teve uma grande decepção: sua igreja era freqüentada apenas por algumas velhas. Embora a rua estivesse regurgitando de meninos e meninas, estes preferiam freqüentar os botequins e antros ainda piores.

Formado segundo os mais recentes conceitos pastorais, teve uma idéia genial: faria em sua paróquia um "grupo de jovens" atual, dinâmico, engajado.

Alguns meses depois o salão paroquial estava repleto de gente tocando violão, dançando e, até mesmo, organizando uma ou outra campanha de auxílio aos pobres. Mas – é curioso – o padre Francis não notava mudanças, para melhor, na vida ou na alma desses jovens. Eles freqüentavam a igreja, mas não se podia dizer que fossem verdadeiros católicos. Algo estava errado, mas padre Francis não sabia dizer o quê.

Num sábado à tarde, estava ele parado em frente à igreja, observando o movimento da rua, quando sentiu suas narinas agredidas pelo odor de um perfume ordinário. Voltou a cabeça e viu, ao seu lado, uma jovem de seus dezessete anos, exageradamente pintada, cabelos soltos e mal cuidados, calças compridas e tamancos de saltos grossos e barulhentos. Dirigindo-se à ela, padre Francis perguntou: "Veio à Missa dos jovens?"

A resposta foi um palavrão. Em seguida, Deyse (assim se chamava a moça), acrescentou:

"Coisa nenhuma. Não quero saber de rezar. Só estou aqui porque minha mãe passou a tarde inteira gritando comigo para que eu viesse, e agora está me vigiando da janela lá no fim da rua. Mas não vou nem entrar".

"E por que você não entra um instante?"

"Porque não adianta nada. Eu já estou perdida mesmo".

Padre Francis se assustou. Nunca encontrara alguém que afirmasse sua perdição com tamanha certeza.

"Por que você se julga perdida?"

"Porque estou. Se você quer saber mesmo a verdade, é que me entreguei ao demônio".

O jovem padre se esforçava para manter a serenidade:

"Gostaria de entender melhor o que você está dizendo".

"Eu explico. A maior parte de minha vida, desde os doze anos, passei num reformatório, fui presa várias vezes por causa de roubo, drogas e outras coisas. Da última vez, eu devia ficar lá até os vinte e um, e depois ser transferida para a penitenciária. Mas eu não suportava mais, e queria sair de qualquer jeito. Então eu rezei pedindo a Deus que me livrasse de lá. Mas Ele não me atendeu. Acho que Ele queria que eu

ficasse lá mesmo". "Então eu vi numa revista que havia gente que rezava para o demônio, e eu resolvi rezar para ele também. Prometi fazer nove comunhões sacrílegas para que ele me tirasse de lá. Quando terminei minha "novena", me soltaram em liberdade condicional." (Esse último fato é monstruoso, sacrílego e abominável).

Aterrorizado com o que ouvira o padre comentou:

"O demônio fez um bom negócio. Deu-lhe a liberdade em troca de sua alma".

Depois de outro palavrão, Deyse prosseguiu:

"E daí? Ninguém faz nada de graça, era o preço dele. Aceitei e está acabado".

"Mas você ainda pode mudar, por que não entra em nossa comunidade de jovens?"

"O que é isto? Aquela turminha que fica tocando violão, fazendo bailinhos?"

"... Bem ... é sim..."

A moça deu uma gargalhada.

"E no que é que eles são melhores do que eu? Só porque eles fazem escondido aquilo que eu faço às claras? Só porque eles fazem no salão da igreja a mesma coisa que eu faço na boate? Então eu sou muito melhor, porque pelo menos não sou hipócrita!"

Era verdade. Num súbito esclarecimento, o padre Francis percebeu que aquilo que a moça dissera era a mais pura verdade. O que faltava nesse seu grupo de jovens, para o distinguir de um grupo qualquer?

"A oração!" (A palavra dirigida à moça saíra de seus lábios como um brado):

"Por que você não volta a rezar?"

"E seus jovens rezam?"

"Eles vão rezar. A partir de hoje, eu garanto que eles vão rezar. Fique aqui e verá".

"Não, eu não quero voltar para o reformatório".

"Não tema o demônio... ele não consegue... ele não pode nada contra... contra quem reza a Nossa Senhora".

"Não quero voltar para o reformatório".

"Entre e reze! Os jovens vão rezar o terço hoje".

A moça desceu as escadas correndo.

"Não quero voltar para o reformatório".

"Você virá rezar. Nós estaremos rezando á sua espera".

A moça não respondeu e sumiu na noite. O pessoal do grupo de jovens, violão ás costas, estava chegando para a Missa.

Ah! Mas aquela Missa foi bem diferente. Primeiro, o padre Francis proibiu o violão, depois, pela primeira vez em sua vida, subiu ao velho púlpito da igreja e, lá de cima, falou aos seus intrigados jovens da necessidade de penitência e oração.

E, para espanto geral, declarou que não haveria o habitual bailinho de sábado à noite. Em vez disso, todos estavam convidados a permanecer na igreja, diante da imagem de Nossa Senhora, rezando o terço por uma alma muito necessitada.

Alguns jovens resmungaram e foram embora, outros, tomados de um entusiasmo que nunca antes sentiram, resolveram ficar.

E a noite de orações começou.

Foi uma longa noite. Às vezes o entusiasmo inicial dava lugar ao desânimo e ao sono. Mas, quando alguns dos jovens queriam se retirar, o padre Francis, sorrindo, dizia:

"Fique mais um pouco. O bailinho sempre terminava as quatro da manhã".

E o jovem, bocejando, voltava para o seu lugar, para rezar um terço a mais.

E, às três e pouco da madrugada, o padre Francis ouviu nas lajes as batidas de um tamanco, sentiu novamente o odor daquele perfume ordinário. Sem voltar a cabeça, ele percebeu que alguém estava ajoelhada a seu lado, com as mãos no rosto, principiando a chorar.

Ela então lhe disse: "Padre, atenda-me em confissão".

"FAZE AGORA O QUE QUISERES TER FEITO NA HORA DA MORTE, PORQUE NAQUELE INSTANTE QUERERÁS FAZÊ-LO, MAS NÃO SERÁ TEMPO" (*Santo Antonio Maria Claret*)

OS QUATRO PES... TES

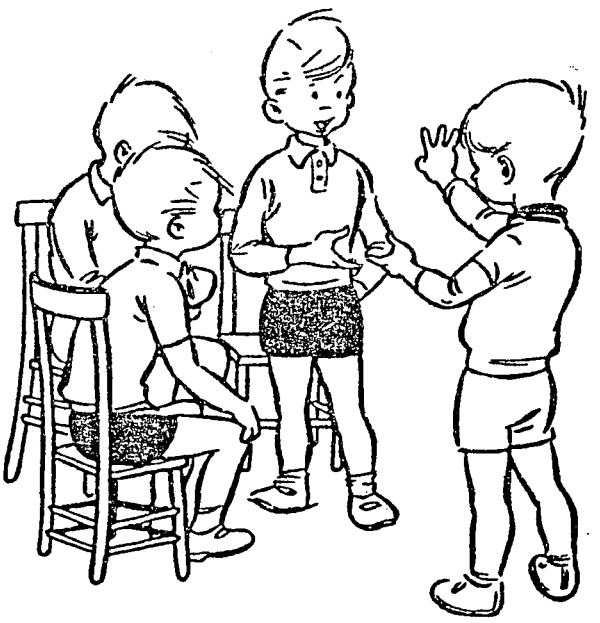
Chamavam-se Pierre, Petrowski, Petersen e Prisco. Todos tinham 13 anos de idade, e todos eram órfãos de pai e mãe. Conheceram-se no interior do colégio onde haviam sido admitidos por caridade, e imediatamente se juntaram na mais sólida, irrestrita e calamitosa camaradagem. Onde estava um, era certo que estavam os outros também, e era igualmente certo que faziam algo de catastrófico, terminantemente proibido pelos regulamentos. E estes se autodenominavam "Os quatro pes", mas o resto do colégio os chamava "Os quatro pestes", e com razão. Todos os dias, chegava ao padre diretor, um rosário de queixas, relatando as últimas atrocidades do terrível grupo: o professor de francês encontrara um sapo vivo dentro de sua gaveta; o médico do colégio pensou ter enlouquecido, ao descobrir que havia um besouro dentro do seu estetoscópio; a dentadura do professor de química foi polvilhada com pimenta; o cozinheiro percebera (tarde demais) que o açúcar fora trocado pelo sal; e assim por diante, sempre, sem nunca parar. Seguramente, "os quatro pes" de há muito tempo já teriam sido expulsos, se a indulgência do padre diretor fosse menor, ou, principalmente, se ele não gostasse tanto de música. Mas, como bom vienense, o padre Wagner se extasiava com corais infantis, e "os quatro pes" cantavam de modo extraordinário, magnífico, sublime, encantador, comparado a eles, o coral do colégio parecia, segundo comentário desdenhoso de Prisco, "um bando de sapos com dor de garganta". Sem dúvida, o padre Wagner tinha realmente porque se encantar.

E claro que "os quatro pes" sabiam desse encanto, e óbvio que tirassem daí o máximo proveito que podiam. Assim, quando algum mestre particularmente indignado os levava até a diretoria, já no caminho, eles combinavam aos cochichos a tática a seguir. Lá chegando, enquanto o professor apresentava ao padre Wagner as suas queixas, os quatro na sala de espera, principiavam a cantar uma bela música austríaca: os "contos dos bosques de Viena", por exemplo, ou "O Danúbio Azul".

Ora, que nós saibamos que não há sangue vienense que se mantenha indiferente a uma valsa de Strauss. É então, de se espantar, que o coração do padre Wagner começasse a amolecer, e que seus ouvidos, tendo que escolher entre uma queixa seca e desafinada e aquela harmonia encantadora, acabasse ficando com o melhor? O mestre falava, argumentava, se enfurecia... Mas o padre Wagner estava apenas ouvindo a música que vinha da outra sala, tão perfeita, tão evocativa, tão vienense...

Ao final, o padre Wagner, depois de prometer ao mestre "providências concretas", chamava à sua presença os quatro malandros, e, com o olhar mais severo do mundo, os advertia: "aquela seria a última vez! Que aquilo não mais se repetisse!". Os quatro enfileirados em frente à mesa, de olhos baixos e mãos para trás, eram a própria imagem do remorso, do arrependimento, da compunção... "sim, eles seriam bonzinhos e comportados... o padre Wagner podia confiar neles... eles estavam arrependidos, e iriam melhorar..." e o diretor, ainda aparentando severidade, os despedia. Mal se viam do outro lado da porta, os quatro se abraçavam entre risadas e corriam a planejar uma nova traquinagem. E era bom que corressem, porque senão poderiam ouvir, lá dentro, o padre Wagner, que ria também. Infelizmente, depois de um ano, esses risos já não se ouviam mais. Aquilo, que nos quatro era apenas traquinagem, havia se transformado em vício, e o vício nunca sorri. Andavam agora furtivamente pelas sombras dos corredores, conversando em voz baixa e lançando olhares suspeitosos em derredor. E quando riam, era com uma gargalhada sinistra e debochada, que faria um rapaz honesto corar. Haviam abandonado o coro, e agora quando cantavam eram canções apenas sussurradas, que o mesmo riso sinistro e debochado vinha intercalar.

Da janela da diretoria, o padre Wagner, freqüentemente os observava nessas andanças, e , é claro, já não sorria também. Por que agora não os expulsava, o diretor? Era a pergunta que muitos se faziam. Mas o padre tinha suas razões...



Mês de maio, mês de Maria. E, naquele ano, o mês de maio foi ocasião de um programa especial. Já no fim de abril, quando do encerramento do retiro mensal de preparação para a boa morte (pois naquele tempo se encarava a sério, o fato de que um dia todos nós morreremos e seremos julgados por Deus), já em fins de abril, repetimos, o padre Wagner dirigindo-se a todos reunidos, lhes mostrou um presente que o colégio acabara de receber: uma magnífica imagem de Nossa Senhora de Fátima, destinada ao altar-mor da capela. Uma bela cerimônia, de coroação e entronização da imagem já estava preparada para o dia 31 de maio, festa de Nossa Senhora, Rainha, até mesmo a coroa, toda de ouro, eles já possuíam. Mas faltava algo: no corpo da coroa havia centenas de encaixes vazios onde deveriam ser colocadas pequeninas pedras preciosas que, por enquanto, ainda não existiam.

Depois de contar isso, o diretor mostrou o quadro contendo um grande desenho de como seria a coroa com todas as pedras no lugar. Havia, disse ele, encaixes para 576 pedras preciosas, de todas as cores. Ora, "por singular coincidência" (o padre Wagner não era bobo...) o número de alunos do colégio era exatamente 576. Assim, se cada menino desse a Nossa Senhora uma pedrinha, a coroa ficaria completa...

Mas – dizia o padre Wagner – essa pedra, para ser digna de Nossa Senhora, deveria ser o símbolo de uma melhora na vida espiritual. Dessa forma, ele pedia que todos se comprometessem a um sério exame dos próprios defeitos e a um firme propósito de emenda. Depois, com o sacrifício de alguns pequenos trabalhos extras feitos durante o mês, cada um conseguiria o necessário para oferecer a sua pequena pedra preciosa, símbolo de sua melhoria espiritual.

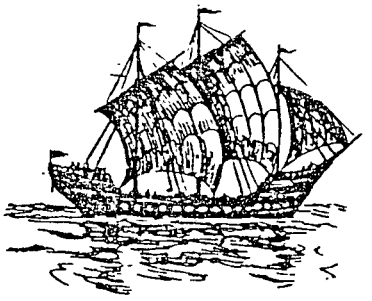
Não há dúvida de que o padre Wagner sabia como fazer as coisas. A explicação terminou em meio a um entusiasmo geral. Um menino foi ao quadro e escreveu seu nome sobre uma das pedras do desenho, dizendo em voz alta: "este lugar, eu me comprometo a preencher". Os outros, entusiasmados, se atropelaram em o imitar, e depois de algum tempo, todas as pedras do quadro estavam cobertas com assinaturas.

Todas, não. No alto da coroa havia o desenho de 4 grandes pedras, que deveriam formar a cruz. Essas, por serem bem maiores, ninguém ousara assumir o encargo de adquirir e, lá no fundo da sala, "os quatro pes" continuavam sentados, com um riso cínico nos lábios.

O padre Wagner entendeu o que aquela atitude queria dizer e, não insistiu. Dirigindo-se a todos, ele disse: "vamos rezar uma Ave-Maria para que no dia 31 a coroa de Nossa Senhora esteja completa". E, logo depois, encerrou.

Nunca se viu tanta agitação dentro do colégio, como naquele mês. Nenhum dos meninos era rico, que pudesse recorrer às suas economias, ou a seus pais. E, nem sequer pensavam nisso, pois era uma questão de honra que "a pedrinha de Nossa Senhora" deveria ser comprada com o próprio trabalho. Cada um se arranjava como podia: este vendia ferro-velho, aquele outro, papel catado. Formou-se uma equipe de engraxates e um grupo de jardineiros ambulantes. Os mais fortes no estudo ajudavam os mais fracos, para que a esses sobrasse tempo para trabalhar. E as pedrinhas foram surgindo: a primeira, uma ametista, foi incrustada em seu lugar no dia 15 (foi uma festa). Três outras surgiram no dia 16, uma dezena no dia 17... Finalmente na noite do dia 30, um esbaforido menininho do primeiro ano trouxe correndo e triunfante a pedra número 572. A coroa, toda reluzente, estava completa. É claro que faltavam as quatro pedras grandes que deveriam formar a cruz, mas nessas quatro os meninos preferiam não pensar...

Naquela noite, "os quatro pes" estavam mais sombrios e sinistros do que nunca. Desde o início do mês, eles haviam debochado dos que trabalhavam, "bobos que não percebiam que o padre Wagner é quem ficaria com o dinheiro". Mas ninguém lhes dera atenção. Então, tentaram espalhar o desânimo, afirmando que era impossível conseguir tantas pedras, em tão pouco tempo. Mas, de novo, ninguém lhes deu ouvidos. E agora, apesar deles, a coroa estava lá, completa brilhante e altaneira em sua almofada de veludo vermelho, sobre as brancas toalhas do altar! E amanhã, depois da missa, quando a coroa fosse finalmente colocada sobre fronte de Nossa Senhora, então a derrota deles seria completa, e todo o colégio os iria escarnecer! Para evitar essa suprema humilhação, "os quatro pes" resolveram fugir. Naquela mesma noite, eles pulariam a janela do dormitório, em seguida, a grade do portão... seria sopa! Mas, e depois? Eles não tinham casa para onde pudessem ir, e não gostavam de trabalhar... com que dinheiro iriam viver?



"A MÃE DE DEUS QUER MAIS ALMAS VIRGENS QUE SE LIGUEM A ELA PELO VOTO DE CASTIDADE (*Bem-Aventurada Jacinta Marto, vidente de Fátima*)

A coroa! Foi Petrowski quem teve a idéia, e afobadamente a passou aos demais. Roubariam a coroa! Ah, no fim, eles sim é que iriam rir melhor. Aqueles bocós haviam passado o mês inteiro trabalhando, e agora eram eles quem iriam lucrar! No dia seguinte, eles estariam longe, divertindo-se e comendo do bom e do melhor, enquanto todo o resto do colégio estaria frustrado! "Os quatro pes" venceriam de novo, e com um golpe monumental. E entre tapinhas nas costas eles riam, e nem se preocuparam ao ver o padre Wagner trancar a porta da capela, pouco antes da hora de dormir. Ora... eles bem sabiam como entrar lá...

Tarde da noite. No interior empoeirado e sinistro do sótão do colégio, Petersen acendeu uma vela, afastando um pouco a escuridão. Pierre fechou o alçapão por onde haviam entrado, e os quatro, formando uma fila indiana, começaram a caminhar. Lá fora, rugia uma tempestade, e às vezes o ribombo de um trovão sacudia as madeiras do teto, e os fazia tremer. Por três vezes, o vento penetrando pelas frestas do telhado apagara a vela, obrigando-os a parar. Mas depois, eles prosseguiam. Sujos de pó e esfolados pelas farpas do madeirame, agora avançavam de rastros, porque a inclinação do telhado os forçava a se abaixar. E assim, chegaram aos vidros de uma clarabóia, na parte mais alta do teto da capela. Lá embaixo, bem longe, quase tudo estava escuro. A única luz era a lâmpada do Santíssimo, que se refletia nas paredes, nos quadros da Via Sacra, nos rostos serenos das imagens, nas 572 pedras da coroa, altaneira em sua almofada de veludo vermelho, sobre as brancas toalhas do altar.

Um soco espatifou o grande vidro da clarabóia e, pelo buraco formado, desceu um cordão. Levava na ponta um gancho de arame, e baixa em direção á coroa. Mas não a alcançou. Lá em cima, Petersen percebeu que o cordão estava curto e que faltava ainda um metro de distância para o gancho percorrer, seria preciso curvar-se um pouco... pediu então aos outros que o segurassem pelos tornozelos, e, deitando-se de comprido, passou a cabeça e o busto pela abertura, curvando-se mais e mais. A fivela de sua cinta prendera-se à abertura da clarabóia e o incomodava... faltavam 30 centímetros... 20... 10...

O estrondo de um trovão ecoou por todas as partes do colégio. Simultaneamente, um relâmpago fez com que toda a capela se iluminasse, inundando de luz todos os vitrais. Lá fora, o vento uivante redobrou a sua fúria. A coroa estava fisgada. Num instante os quatro a içaram, agarrando-a freneticamente com as mãos sujas de poeira e de suor. E, em meio ao rugido dos trovões e ao silvar da ventania, soltaram uma enorme gargalhada de satisfação. Eles haviam vencido! Agora só restava fugir.

Estavam na metade do caminho de volta ao alçapão, quando a vela novamente se apagou. Mas, dessa vez não encontraram os fósforos para reascender. Aflito, Petersen lembrou-se de que a caixa estava no bolso superior de sua jaqueta. Certamente caíra quando ele se inclinou na clarabóia... agora era preciso ir assim mesmo. E dando-se as mãos, os quatro prosseguiram tateando em meio à mais absoluta escuridão. Mas o sótão era muito grande. Para que lado ir? Onde estaria aquele maldito alçapão?

Foi Prisco que primeiro descobriu a claridade. Era um fio de luz que vinha de baixo e atravessava retilíneo o espaço empoeirado do sótão. O alçapão! Atropelando-se uns aos outros, os quatro correram para lá.

Não era o alçapão, mas apenas um pequeno orifício no forro de um dos quartos que havia embaixo. E era a lâmpada acesa no quarto que produzia, lá em cima, aquele raio de luz. Quem estaria acordado naquela hora e fazendo o quê? Resolveram abaixar-se e espiar.

A um canto, viram uma cama de ferro que, naquela hora, ainda estava arrumada. Uma cadeira sem estofo, um soalho comum e, sobre a cômoda, uma imagem de Nossa Senhora. E, de joelhos, e tendo na mão uma disciplina ensangüentada estava o padre Wagner rezando, com os braços abertos em cruz. Metodicamente a disciplina manejada por um pulso forte caía sobre as espáduas cobertas de vergões roxos e avermelhados, e onde o sangue começava a brotar. E, em seguida, se ouvia sua voz clara e serena que endereçava à Virgem uma súplica, mas à maneira de alguém acostumado a mandar:

"Senhora, eu quero! Sei que eles não merecem, Senhora, mas eu quero essas almas, que custaram o sangue de Vosso Filho e a torrente de Vossas Lágrimas! Eis-me aqui Senhora! Descarregai sobre mim o castigo que eles merecem, mas dai-me todas as pedras de Vossa Coroa! Dai-me aquelas almas, Senhora! Eu as quero, para Vós".

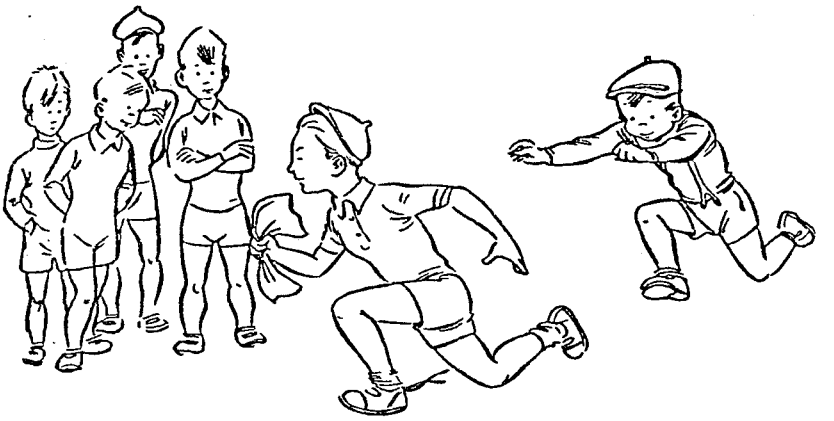
E assim, pela noite adentro, o padre Wagner prosseguiu a sua oração. Já os primeiros raios de sol se coavam pelos vidros da janela, e ele ainda prosseguiria, se as insistentes batidas na porta, não o obrigassem a parar e atender. E, ao abrir a porta, o padre Wagner viu quatro rostos confusos e enegrecidos de pó, com sulcos mais claros, onde as lágrimas corriam. Era Prisco quem segurava a coroa, mas foi Petrowski, soluçando, quem falou:

"Padre Wagner, nós queremos nos confessar".

Ah, aquela foi realmente uma bela festa de coroação! Pena que hoje em dia essas festas já não se fazem mais. Como estava imponente aquele grupo de meninos vestidos de vermelho e branco, todos compenetrados e formando alas para Nossa Senhora passar! Como estava sério e comovido o padre Wagner, ao celebrar o Santo Sacrifício, solenemente em latim... e o coro? Meu Deus, como aquele coro cantava bem! Reforçados e enriquecidos pela colaboração dos "Quatro pes", com que alegria subiam e se entrecruzavam os hinos de louvor à Rainha dos Céus. E quando a Rainha foi coroada no alto de seu trono, com que júbilo aquele coro cantou. Suas vozes eram tão puras como os quatro diamantes que formavam a cruz da coroa e que a faziam cintilar... e os meninos admirados cochichavam: "como são belos os diamantes oferecidos pelos "quatro pes"".

Mas isso são histórias de meninos... na verdade, não havia diamante algum. Eu sei porque estava perto e vi que, esses diamantes, eram apenas lágrimas que "os quatro pes" derramaram sobre a coroa pouco antes da coroação, quando chegou a vez deles de a oscular. As lágrimas se prenderam à armação da cruz e deram a impressão de pedras... foi só isso e nada mais...

Mas é curioso... outro dia, depois de tantos anos, eu fui visitar aquela imagem, e tive a impressão de que "diamantes" ainda estavam lá... será que a Senhora, em Sua Bondade, não solidificou aquelas lágrimas como recompensa pelos arrependimento dos meninos, e, que agora, as mantêm assim sólidas e brilhantes, como um sinal de que eles continuam sendo bons? Pode ser... porque depois daquele dia, "os quatro pes" procuraram se manter sempre fiéis. Disso eu tenho certeza, tão certo quanto meu nome é Paulo. Paulo Petrowski, a seu inteiro dispor...



S.O.S. – PEDIMOS AUXÍLIO

- O Desbravador é gratuito e com o auxílio de Nossa Senhora continuará a sê-lo.
- As despesas, são muitas e para fazer frente aos gastos contamos com sua colaboração.
- Qualquer quantia é bem-vinda.
- Para nos ajudar há duas maneiras: Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ
CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP
BRADESCO
CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP
Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

Ou então mande-nos um cheque nominal e cruzado em nome do Grêmio Santa Maria, para nossa Caixa Postal – 1525 – 01059-970 São Paulo- SP

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

"EU NÃO VIM TRAZER A PAZ, MAS A ESPADA"
(*Nosso Senhor Jesus Cristo*)

Diante da barbárie, fazer ou não o bem?

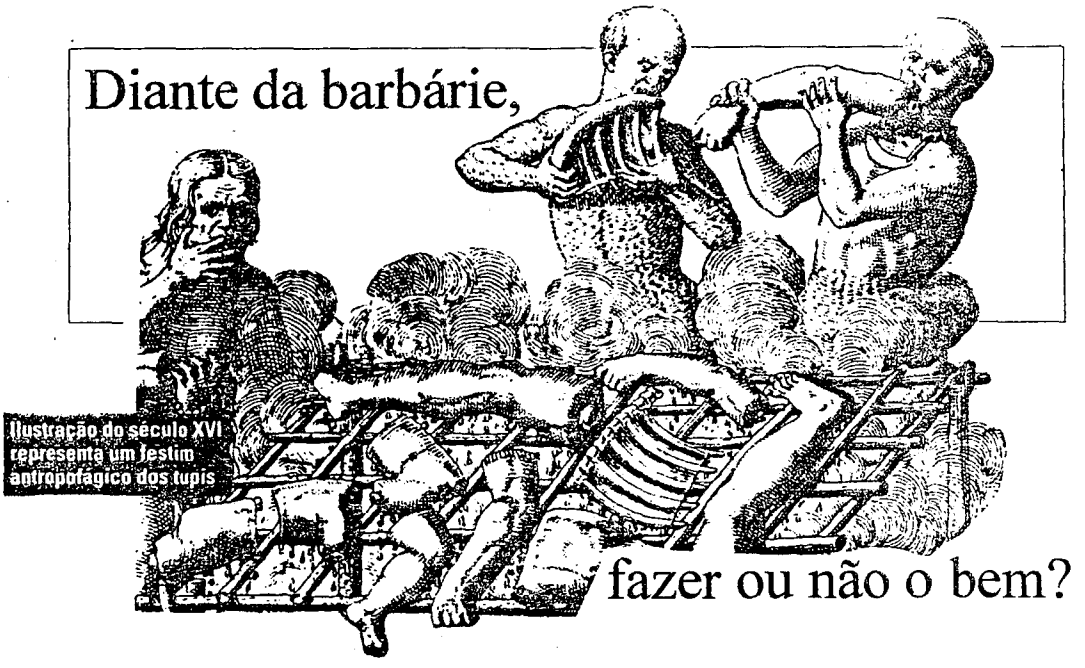


Ilustração do século XVI representa um festim antropofágico dos tupis

A descoberta do Brasil foi fruto de uma verdadeira epopéia, na qual duas nações católicas, Portugal e Espanha, levaram a verdadeira Fé por todo o mundo.

Esse, aliás, era o objetivo das duas grandes nações.

Para não prolongarmos as citações a esse respeito, citaremos duas. Uma do grande Padre Manuel da Nóbrega, primeiro provincial dos Jesuítas no Brasil, sobre Dom João III, rei de Portugal; "a intenção de nosso santo rei não foi tanto povoar por esperar da terra ouro nem prata, que não tem... quanto pela exaltação da Fé Católica e salvação das almas..."

E, sobre a missão espanhola nas terras descobertas, a própria rainha Isabel, a Católica, dirá a Colombo: "Descobre estas regiões incógnitas e leva o Cristianismo civilizador, ao outro lado dos mares, e difunde a Fé Divina entre esses desventurados habitantes da parte ignorada do universo".

Hoje em dia, porém, a obra colonizadora, civilizadora e apostólica, das duas grandes nações católicas, vem sendo duramente atacada, até por aqueles que mais deveriam exaltá-la.

E, talvez a principal crítica que é feita diz respeito aos indígenas. Assim, estes teriam sido dizimados, e teriam tido sua "cultura" destruída e sua crença substituída por outra vinda de fora, o Catolicismo.

Quanto ao primeiro tópico, a suposta destruição dos indígenas, gostaríamos de salientar duas coisas. Uma é o fato que as tribos eram destruídas sim, mas por outras tribos.

Isso quem o diz, são os insuspeitos indigenistas, os irmãos Vilas Boas.

De outro lado, houve uma grande, uma imensa miscigenação, um grande processo de mestiçagem tanto no Brasil, quanto nos países da América Espanhola. Basta olharmos em torno de nós que veremos como a nossa população é mestiça e como guarda traços da raça indígena.

Por outro lado, precisamos falar da destruição da suposta cultura indígena e a subseqüente pregação do catolicismo aos nativos.

Vamos aqui citar alguns dos traços comuns às várias tribos indígenas das três Américas.

Sacrifícios Humanos

Em 1487, cinco anos antes do Descobrimento da América, os astecas inauguraram o suntuoso templo dedicado ao "deus da guerra" Huichilobos. Durante sua construção, o imperador Ahuitzoltl fez guerras a seis povos vizinhos, e os capturou para depois sacrificá-los na inauguração do templo.

Nela foram sacrificadas 80.400 vítimas. A cerimônia durou de 3 a 4 dias. Cada vítima era agarrada pelos pés e mãos, tinha o peito aberto, o coração arrancado e oferecido ao sol e outros "deuses". Depois, os lábios de Huichilobos eram untados com o sangue das vítimas e, por fim, as partes do corpo eram dadas ao povo que as comia cozidas.

Em certa ocasião, foram encontrados no templo maior do México, 136.000 cadáveres de nativos sacrificados.

Essas práticas eram comuns em outras partes. Assim, no Equador havia o sacrifício Capac Cocha, que consistia em enterrar vivas crianças de cinco e seis anos, oferecidas ao diabo.

Antropofagia

Descreve Frei Vicente de Salvador o que acontecia no Brasil com os prisioneiros de guerra.

Eram presos, comiam, eram engordados, tinham festas com parentes e amigos e, depois adornados, tinham a cabeça quebrada, seus intestinos tirados e devorados e suas carnes eram repartidas pelas casas para serem comidas.

O Bem-Aventurado José de Anchieta dizia: "Estes índios de Piratininga (atual São Paulo) tem sumo deleite em devorarem-se uns aos outros".

O historiador Padre Galanti, fala que os "ameríndios do Brasil eram geralmente todos antropófagos pelo ódio que tinham a seus inimigos e também por gula".

Por seu lado, os índios de Nova Granada e os Sioux, norte-americanos, comiam corações humanos.

Os quechuas – atual Bolívia – por sua vez, devoravam todos os que prendiam e bebiam seu sangue quando os degolavam.

Ausência de amor

Na América pré-colombiana, diz o Monsenhor Emilio Silva, não havia entre os homens a virtude do amor ao próximo. Havia guerras contínuas e intermináveis, sumamente cruentas, entre as diversas tribos. Escravidão duríssima, ódios e vinganças eram o habitual.

Fala um historiador que os apaches eram malignos e cruéis. Cometiam tais atrocidades com os vencidos na guerra que parece que só os demônios seriam capazes de tal barbárie.

Os incas são tidos como o povo que era menos bárbaro entre os indígenas. Pois bem, quando Atauhalpa venceu seu irmão Huascar na luta pelo trono inca, prendeu seu irmão e eliminou todos os membros de sangue real. Matou 200 parentes seus, filhos de Huayna Capác e passou a beber o sangue deles e de seus sobrinhos, tios e parentes.

Por sua vez, Carlos Pereyra nos fala de índios que tendo feito outros de escravos, para que não fugissem, cortavam um pé deles.

A crença dos índios

Quanto ao lado religioso, eram terríveis as crenças dos índios. Os humanacas da Argentina eram idólatras e adoravam o sol.

Os maias, por sua vez, possuíam 190 "deuses".

No Equador, adorava-se as árvores e a lua, ou seja, viviam nas trevas do paganismo os pobres selvagens.

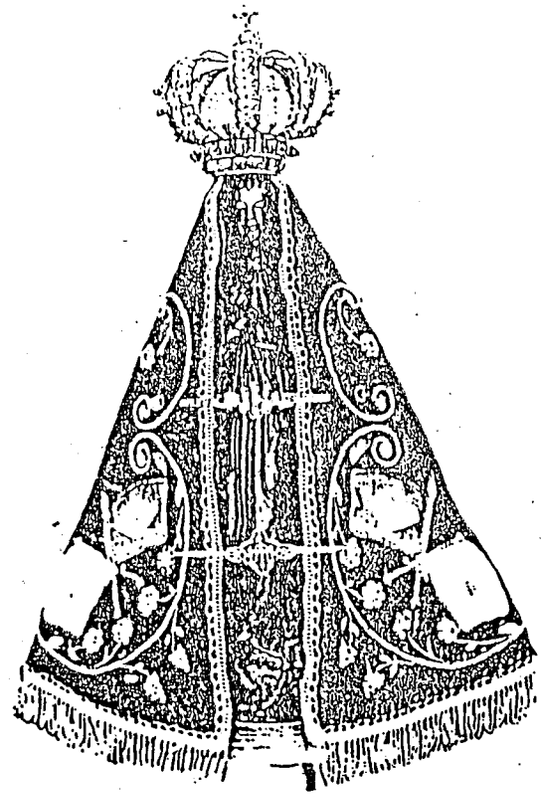
O que fazer?

Diante do quadro acima descrito, o que deveriam fazer os católicos espanhóis e portugueses: deixar os índios na idolatria, na falta de caridade, nas matanças entre si, nos sacrifícios humanos e práticas antropofágicas? Ou obedecendo ao mandamento de Nosso Senhor, ir a estes povos e batizá-los?

O que fazer? Aceitar tantas barbaridades como "cultura" indígena e intocável, como dizem certos autores "politicamente corretos"? Ou trazer os índios à verdadeira Fé, á verdadeira e única Igreja de Cristo?

O que fazer; manter os selvagens em suas práticas diabólicas que os fariam infelizes nesta vida e os condenariam ao inferno? Ou fazê-los membros do Corpo Místico de Cristo e proporcionar-lhes a vida cristã e civilizada na terra e o céu pela eternidade?

As respostas não deixam dúvidas e foi o que fizeram homens de visão de um Colombo, do heroísmo de um Cortez e da Santidade de um S.Turíbio de Morgrovejo, de um S.Francisco Solano, de um S.Pedro Claver, de um Bem-Aventurado José de Anchieta, de um Frei Junípero de la Sierra.



E foi também a resposta que Nossa Senhora deu, protegendo toda a epopéia civilizadora e evangelizadora, que sucedeu aos descobrimentos e da qual, ainda hoje, agradecemos a Deus e, com alegria, festejamos por ocasião dos 500 anos, ocorridos em 2000, que os portugueses aqui chegaram, plantaram a Cruz e trouxeram a Fé Católica.

Gostaríamos de encerrar o nosso artigo com as palavras do Papa Leão XIII, sobre o assunto nele abordado: "centenas de milhares de seres humanos foram livrados das trevas em que jaziam e, devolvidos à sociedade e à humanidade. E o que é muito mais importante: fê-los voltar da morte para a vida eterna pela comunicação dos bens que Jesus Cristo adquiriu".

Todos os membros da tribo participavam das cerimônias de antropofagia e até convidados especiais havia para o fúnebre banquete. É interessante notar, também, que dias antes da execução do prisioneiro, este era muito bem tratado. Ofereciam-lhe, até, uma esposa que, algumas vezes, dava à luz, meses após a execução do prisioneiro. Deveria, então, entregar a criança a um parente mais próximo para que este a matasse numa solenidade denominada cunhãmbira (festa do filho do inimigo), onde seria a primeira a comer a carne do próprio filho. Mas nem sempre isto acontecia, pois o instinto materno era, muitas vezes, mais forte que os vícios da tribo e a índia tentava obstar a cunhãmbira, fazendo com que a tribo adotasse seu filho definitivamente, ou fugia com a criança. (História do Brasil, A Souto Maior, pág.39).

E nós perguntamos: os modernos tribalistas gostariam que os índios continuassem com monstruosidades como essas?

Foi evidentemente ótimo o que o Padre Anchieta fez com o famoso canibal Cunhambebe, converteu-o e batizou-o, abrindo as portas do céu, a esse cacique que antes se vangloriava de haver devorado carne humana de 10000 vítimas.

A PÉROLA DAS VIRTUDES

Santa Maria Goretti foi uma camponesa que aos doze anos preferiu morrer a perder sua virgindade. No seu leito de morte ela perdoou ao homem cuja luxúria de tal forma o arrebatara que ele chegou a matá-la.

Já dizia o grande Santo Agostinho que se é verdade que nem todos vão ao inferno por causa somente dos pecados contra o 6º mandamento, ninguém vai ao inferno sem eles.

Na realidade quantas almas caem nos laços do demônio por causa dos pecados impuros?

Quantas almas, que eram gigantes em outros campos, foram devoradas pela indecência?

Almas que prometiam tornar-se heróis, sucumbiram ante as impurezas.

De outro lado, em nossos dias, vivemos num mundo dominado pelas indecências.

Revistas, filmes, propagandas, programas de televisão, músicas são um convite contínuo às imundícies.

Uma resultante desse quadro é a propagação da AIDS.

Pessoas há que julgam ser impossível manter-se puro e casto e, desanimados, sucumbem ante o mar de sujeira que tem diante de si. Com isso, relaxam na prática religiosa e caminham a passos largos para o inferno.

Podemos dizer que quem cede dessa forma, cede diante de uma falácia do demônio.

Deus não permite que sejamos tentados acima de nossas forças e não nos faltam meios para manter a virtude Angélica. Existe a oração, existem os Sacramentos, existe a vigilância tão aconselhada por Nosso Senhor.

Cremos ser muito oportuno contar aos nossos leitores alguns casos que mostram que a castidade está ao alcance de todos e como ela é bela a ponto de ser chamada de "a pérola das virtudes".

São Dióscoro

No tempo das perseguições romanas à Igreja, os tiranos antes de tirar a vida dos mártires, pretendiam fazê-los pecar e perder a virtude. Haja visto que os levavam para lugares infames.

Com São Dióscoro, os algozes o prenderam amarrado a um poste e fizeram uma pecadora pública tentá-lo para que o santo traísse a sua Fé pelo pecado.

O santo estava preso e imóvel, sem que pudesse sequer fugir. Mas não lhe faltava a graça e ele rezou tão confiadamente que ante a tentativa da infeliz pecadora, ele morde sua língua e cospe na face dela uma mistura de saliva e sangue que ela, furiosa, se arremessa em uma fogueira e o santo é morto a seguir, dando grande glória a Deus e dando a nós um exemplo sublime de que a graça de Deus nunca nos falta.

São Pelágio

Nos tempos da Reconquista, um menino espanhol, de 13 anos, Pelágio foi entregue como refém a um califa muçulmano.

Este era um degenerado e fez ao santo menino propostas infames. O menino não se intimidou e, repleto da graça de Deus, disse ao califa: "afasta-te cão, não penses que sou um de teus efeminados lacaios", e com isso foi imediatamente morto pelos infiéis e alcançou aos 13 anos a vida eterna.

Godofredo de Bulhões

Após a Primeira Cruzada, os árabes maometanos desafiaram Godofredo de Bulhões para um duelo de força.

Eles não se conformaram em ver um católico casto ser mais forte que eles, que eram polígamos, possuindo haréns!

Numa primeira prova, tanto o campeão dos árabes quanto o comandante católico cortaram um imenso bolo de cordas.

Após isso, o infiel não conseguiu cortar o pescoço de um camelo; o que Godofredo fez com facilidade. Os árabes julgaram que a espada do cruzado fosse enfeitiçada e desafiaram-no a fazer com a deles. Godofredo o fez com mais facilidade.

Os inimigos então, perguntaram de onde vinha tal força: de treinamentos? De ginásticas? De concentração?

Não, disse ele inspiradamente: "minha força vem do fato que essas mãos jamais cometeram um pecado contra o 6º mandamento".

Santo Tomás de Aquino

Quando o grande teólogo e filósofo, Santo Tomás de Aquino, resolveu ser dominicano, seus irmãos tudo fizeram para demovê-lo da vocação.

Não conseguindo, prenderam-no em uma torre e lá soltaram uma infame mulher para tentá-lo.

Ante o perigo, o santo pede ajuda a Nossa Senhora e, inspirado, pega um ferro em brasa que estava na lareira da torre e avança sobre a mulher, que se põe a gritar pedindo para sair e sai.

De noite, Nossa Senhora e os anjos colocaram um cinto de rubi no santo como prêmio de sua pureza.

Após isso, ele, que era imenso, foge da torre em uma corda de lençóis, saindo para se tornar o grande pensador que nós católicos conhecemos.

Santa Maria Goretti

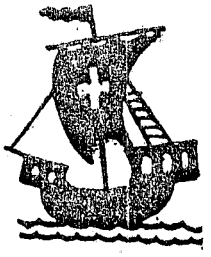
Já falamos desta grande santa em outro número. Agora só relembraremos umas frases dela, já nos seus últimos momentos.

Sua mãe lhe perguntou porque o assassino a ferira tão brutalmente e a santa respondeu que fora "porque me queria fazer um pecado feio e eu não quis".

Poderíamos citar uma lista enorme de outros exemplos que atestam o que foi a meta deste artigo. Cremos, porém, que os exemplos citados bastam.

Quem quiser manter-se casto, irá consegui-lo desde que siga o conselho de Nosso Senhor: "vigiai e orai para não cairdes em tentação".

Quem fugir das ocasiões de pecado, rezar muito a Nossa Senhora para manter-se debaixo de seu manto protetor, não somente se manterá puro de corpo e alma, como também acabará praticando a castidade em grau exímio.



Uma prática eficaz para ser casto e puro

A prática seguinte é recomendada pelo grande doutor da Igreja, Santo Afonso Maria de Ligório.

São as 3 Ave-Marias em honra da Santa Imaculada Pureza de Nossa Senhora a serem rezadas de manhã e à noite. Após cada Ave-Maria dizer: "Virgem Santíssima, pelos méritos de Vossa Santa e Imaculada Conceição, tornai puro o meu corpo e santa a minha alma". E também após cada Ave-Maria beijar o chão. E, ao final dizer: "Minha Nossa Senhora, cobri-me com o manto de Vossa Proteção e fazei que eu não cometa nenhum pecado neste dia (ou noite) especialmente contra a pureza".